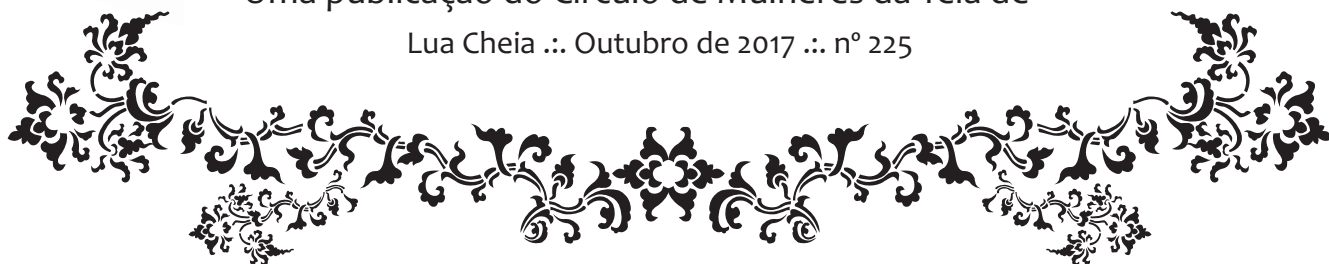




DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de

Lua Cheia :: Outubro de 2017 :: nº 225



Serpente do Arco-íris, a Deusa aborígene criadora da vida

Por Shirley de

Celebramos no dia 5 de outubro a Serpente do Arco-íris, Deusa aborígene criadora da vida, nativa da Austrália. Também conhecida como Julunggul, ela rege as chuvas, os rios e a água do mar. Suas bênçãos fluem na vida das pessoas trazendo filhos, alegria de viver, saúde, conhecimento das artes de cura mágicas e a renovação dos ciclos da natureza e da vida humana.

Sua mitologia está intimamente ligada à abundância da terra, à água, às relações sociais, à fertilidade e sexualidade. Seus principais símbolos são a serpente, o arco-íris, as flores, a chuva e as pérolas. O cristal de quartzo e as conchas marinhas também estão associados a ela e são utilizados em rituais para invocá-la. Segundo registros, a identificação com essa pedra pode estar ligada ao círculo de luz que às vezes aparece ao redor da Lua, o que, segundo a tradição,

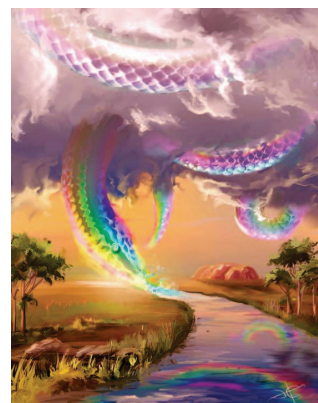
seria um sinal da chuva chegando.

Na cidade de Queensland, Austrália, ocorre em torno desta época do ano o “Carnaval das Flores”, comemoração que honra a alegria de viver, cuja tradição celebra o



princípio da vida simbolizado pela Serpente do Arco-

Histórias associadas à Deusa são encontradas em diversas tribos aborígenes e variam de acordo com a influência do meio-ambiente de cada região. Na maioria dos contos, sua identidade é feminina, mas às vezes relatada como masculina e até andrógina, neste caso representada por uma serpente com seios. Porém, os ciclos da natureza e a importância da água na vida humana são pontos comuns entre os contos.



Algumas lendas contam que, no momento da criação, a Terra era plana, nua, sem cor e fria. Foi a Serpente do Arco-íris que desceu do céu e se moveu sobre a face do planeta criando vales e rios profundos, alimentando-o e dando forma. Ela povoou o mundo com os seres humanos, as plantas e os animais. Em outra versão popular, a Deusa dormia debaixo do chão com todas as tribos de animais na barriga esperando para nascer. Quando chegou a hora, os empurrou para cima, jogou a terra, fazendo montanhas, colinas, e derramou água, fazendo rios e lagos. Criou ainda o sol, o fogo e todas as cores. Também foi a sábia Serpente que ensinou aos homens as leis da comunidade, organização, ética e do respeito.

estação úmida todos os anos, pintando o Céu com seu arco-íris e permitindo que todas as formas de vida se multipliquem. Outro mito do Território do Norte conta que como uma grande mãe ela chegou do mar, viajando pela Austrália e dando a luz a várias tribos aborígenes.

Os contos relatam ainda que, diferente do Sol que é estável, a Deusa Serpente é imprevisível. Seu poder também pode ser destrutivo se não for devidamente respeitado. Com sua força, pune qualquer um que tenha quebrado uma lei, afogando-o em inundações. O trovão, o relâmpago, as tempestades e os ciclones são manifestações de sua ira.

A força da cultura ancestral?

Estudiosos acreditam que o mito da grande Serpente é herança das extintas cobras pré-históricas que habitaram a Terra. Fósseis gigantescos dessas espécies - entre elas a *wonambi naracoortensis* - foram encontrados em diversos locais do mundo, datados de até 55 milhões atrás. Já a cultura dos aborígenes australianos é considerada a mais longa e preservada da história. As estimativas marcam sua origem há cerca de 50 a 65 mil anos.

Antes da colonização europeia da Austrália, havia mais de 600 países aborígenes diferentes, identificados de acordo com a língua. Para esses nativos, ao abraçar o passado mítico e lembrar a sabedoria de seus ancestrais, eles recriam a sagrada confiança entre o Céu e a Terra e asseguram um futuro para a humanidade. Seus mitos contêm protocolos de comportamento social, valores culturais, sistemas de crenças e de cura, incluindo castigos e formas de disciplina, passados de geração em geração.

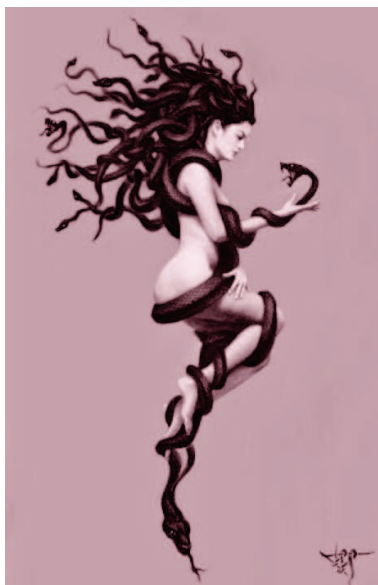
Suas práticas tradicionais também se fundem aos conceitos econômicos e ecológicos, e no cuidado com o meio ambiente. Muitas histórias trazem mensagens separadas para homens e mulheres. Além disso, o conhecimento sobre a lei ancestral é transmitido progressivamente à nova geração, na medida em que os nativos avançam pela vida, em cerimônias como as de iniciação.

Além da perpetuação dos mitos e dos rituais, a importância da continuidade desse legado é referenciada na cultura moderna da região. As crenças tradicionais podem ser identificadas na arte, literatura, música e nos movimentos sociais. Por exemplo, o “The Rainbow Serpent Festival”, um festival de música anual que ocorre na Austrália e está em sua 20ª edição. Já o “Rainbow Serpent Project” é uma série de filmes que documentam a jornada do cineasta em vários locais sagrados em torno da Terra. Ambos inspirados no mito da Serpente Arco-íris.

Para o historiador de arte Georges Petitjean, os recortes do mito que identificam a Serpente do Arco-íris com vários gêneros e a sua bissexualidade pode ter servido de base para inspirar a bandeira do arco-íris como símbolo das comunidades lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. A lenda da Grande Serpente também foi adotada inclusive em um episódio político, como tema de uma campanha contra a extração de urânio na Austrália. Utilizando a força do mito, a mensagem lembrava que a mineração e suas consequências poderiam perturbar a Serpente e despertar sua ira, utilizando a reação da Deusa como uma metáfora para a destruição ambiental. O poder do sangue menstrual? Um dos principais símbolos da Serpente do Arco-íris é sua associação ao sangue humano - o da circulação e o menstrual -, considerado um elemento da perpetuação da vida e de cura. Os contos mais populares relativos a esta simbologia trazem versões da história das irmãs Wawalag ou Wagilag. Um deles narra uma viagem das irmãs juntas por aquelas terras, quando a mais velha entra em trabalho de parto. Ao dar a luz perto de um rio, o sangue pós-natal flui para um poço de água onde a Serpente do Arco-íris vive e a desperta. Em outro recorte, é o sangue menstrual que atrai a atenção da cobra. Seguindo o cheiro dele, ela entra na cabana onde as irmãs descansam (lembrando uma metáfora fálica de penetração ao útero), engole seus filhos e depois os regurgita, agora como homens. Alguns aborígenes nas regiões de Kimberley acreditam que a Serpente do Arco-íris depositou crianças espirituais nos rios e no mar, fertilizando as mulheres que mergulham nas águas. A menstruação é sagrada em muitas culturas indígenas australianas por marcar o poder da mulher de trazer a vida ao mundo, representando o mesmo dom da criação manifestado pela Serpente do Arco-íris. Histórias sobre as irmãs Wawalag são contadas em vários clãs dos aborígenes australianos, e influenciam rituais de fertilidade e de iniciações masculinas realizadas até hoje. Em algumas tribos eles recriam a representação da Serpente engolindo as irmãs por meio de dança e da pantomima. Em outras cerimônias os homens tentam imitar o sangramento menstrual, considerado sagrado, cortando os braços e/ou os próprios pênis e escorrendo o sangue por seus corpos. Há relatos onde se misturam esse sangue ao sangue menstrual, deixando-os fluir juntos, simbolizando a união cerimonial do casal, das polaridades masculina e feminina, o vínculo entre o sangue e a vida entre a menstruação e o nascimento. Existem registros de desenhos rupestres da Serpente do Arco-íris datados há mais de 6 mil anos atrás. Devido à sua

Conecte-se!

A serpente é dos principais símbolos arcaicos da Deusa. Ela representa a sabedoria feminina, sua capacidade de cura e regeneração, devido a sua permanente troca de pele e constante transformação. Presente em várias culturas, exprime conceitos dos ciclos da vida, do mundo subterrâneo e do oceano primordial, bem como a imortalidade, a energia vital e a cura nas simbologias do Ouroboros,



da Kundalini e do C a d u c e u , respectivamente. Por outro lado, ela está ligada a crenças negativas impostas durante a perseguição e degradação do culto à Deusa e ao poder feminino. Histórias como a expulsão de Eva do paraíso por aceitar o alimento oferecido pela Deusa Serpente e a difamação de Medusa - Deusa

Anciã da Lua Negra, magia e sexualidade, que teve sua cabeça “decapitada” pelo patriarcado e seu culto totalmente desacreditado -, deixaram marcas profundas e preconceituosas em nosso inconsciente. O que pode dificultar a ligação com a força energética e transformadora desse símbolo em nossa psique. Segundo Mirella Faur, em seu livro as Faces Escuras da Grande Mãe, “as mulheres que pertencem ao caminho do sagrado feminino devem trabalhar o arquétipo da serpente, dissociando-o dos seus medos atávicos e analisando os bloqueios pessoais relacionados à sexualidade, criatividade, assertividade, sabedoria e poder”. Aproveite o dia em que celebramos a Deusa Serpente do Arco-íris para se conectar com o poder e a força desse símbolo: como você está vivenciando sua sexualidade, com nutrição, prazer e conexão ao seu sagrado feminino? Ou a partir das limitações e crenças negativas impostas pelo patriarcado? A forma como se sente após estas vivências é um bom sinal para responder a estas perguntas. Você tem respeitado e fluído nos movimentos de expansão, plenitude e quietude que os ciclos do seu corpo feminino necessitam? Sua relação com o sangue menstrual e os incômodos antes e durante a menstruação podem indicar um caminho para melhorar essa compreensão. Peça a Deusa Serpente que fortaleça sua energia vital, aguce sua fertilidade, capacidade de criar e de se

conexão com a vida!

*Texto com referências dos livros “Anuário da Grande Mãe” e “Faces Escuras da Grande Mãe” de Mirella Faur, site do governo da Austrália e adaptações da Internet



As sombras de um Círculo de Mulheres

Por Shirley de Medeiros

Blog: asabida.wordpress.com

Estamos reaprendendo a nos relacionar com outras mulheres sem a energia da concorrência, da rivalidade e desconfiança. Integrar um Círculo de Mulheres é algo poderoso, que nos traz uma sensação de “retorno ao lar”, nos fortalece e empodera, na medida em que encontramos aceitação, solidariedade e reciprocidade. Porém, como em nós e em nossos relacionamentos com os outros e nos grupos, os Círculos de Mulheres também têm sombras e, muitas vezes, depois daquele período de “enamoramto” inicial, os conflitos aparecem. E aí, aquela roda tão mágica, de apoio, empoderamento e cura começa a ruir, e com ela nossos sonhos de uma nova realidade. É muito triste e frustrante quando um círculo se desfaz... Além da decepção, muitas se sentem órfãs da energia de suporte que ele gerou. Sim, pois ela é real e poderosa. Mas a roda se desfez sozinha ou foram nossas ilusões acerca uma das outras que caíram? Ou será a empolgação da nossa face Donzela que se frustrou quando a intimidade e as diferenças se apresentaram? É necessário estarmos atentas às nossas projeções, aquilo que, na verdade, é tão nosso que nos cutuca e incomoda refletido nas outras mulheres: controle, preconceito, expectativas, inflexibilidade, imaturidade, hipocrisia, vitimismo... É grande a lista do que precisamos ficar de olho. Podemos nos perguntar: qual o meu papel e influência na “sombra” que se apresenta nesse círculo? Nosso trabalho de autoconhecimento reverbera na roda, cuja energia é a confluência da emanção de todas as integrantes. A ideia aqui não é reprimir a “sombra” mas sim trabalhá-la. Deixar emergir, acolher e resolver juntas! “Dentro do círculo veremos nossa sombra refletida e projetada de volta para nós. Se



grupo. A maior parte das pessoas não participa de um círculo pensando na existência da sombra, elas buscam luz, proteção e força.” (Mirella Faur) Os verdadeiros laços de irmandade e crescimento serão selados apenas após o círculo encarar os desafios com verdade e maturidade, o que implica às mulheres do grupo olharem para si e suas questões pessoais e analisarem que sombra estão deixando crescer ali. Somos todas responsáveis! “O arquétipo do círculo pode ser perfeito. Um círculo de mulheres nunca o é. Mas, se seu centro for mantido quando surge um problema, ele poderá ser resolvido se existir sabedoria, amor, honestidade e espaços para erros”. (Jean Shinoda Bolen)



O culto aos ancestrais e o Sabbat Samhain, o festival celta dos mortos

Por Mirella Faur



A morte faz parte do ciclo da vida, assim como o dia alterna-se com a noite, a luz com a sombra. A sombra da proximidade da morte nos permite compreender e respeitar o delicado equilíbrio da vida. Assim, seremos capazes de aceitar a continuidade da vida nos nossos descendentes, pois nós também somos a continuação da linhagem

ancestral. As gerações nascem, crescem, florescem, amadurecem e decaem, feito frutos de uma mesma árvore, transformando-se no adubo rico necessário para a próxima colheita. Venerar os ancestrais mantém viva a conexão entre as gerações, os vivos reconhecendo e agradecendo àqueles que trilharam antes os caminhos, abrindo portas e deixando o legado das suas experiências e realizações. De uma forma ou de outra, todas as antigas culturas do hemisfério Norte reverenciavam os mortos, com celebrações e oferendas realizadas no final do outono,

quando a própria natureza entrava em declínio. Festejavam-se ao mesmo tempo a última colheita, o abate dos animais para garantir a sobrevivência humana durante os meses de inverno e a lembrança daqueles que tinham passado para o mundo dos espíritos, ao longo do ano. Os nomes das comemorações dos ancestrais variavam de um país para outro – “Pitra Visarjana Amavasya”, na Índia; “O Dia das almas errantes”, no Tibet; “Festival Obon”, no Japão; e “A festa dos fantasmas famintos”, na China. Na África, em Daomé (atual Benim), celebrava-se “colocar a mesa”; na Sicília, na festa dos “I Morti” as mesas eram postas com “armuzzi” – “as mãos do morto” modeladas em massa de pão, enquanto no resto da Itália os doces de clara de ovo com amêndoas e açúcar eram chamados de “ossi di morti”. No México, até hoje, os familiares fazem piquenique nos cemitérios, levando para os túmulos, enfeitados com guirlandas de calêndulas, os pratos e as bebidas preferidas dos falecidos. O dia de Los Muertos mexicanos não é uma comemoração macabra ou grotesca, mas uma maneira alegre, divertida e espontânea de reconhecer a inevitabilidade da morte. Ela aparece nos brinquedos das crianças (representada como soldado, herói, policial, médico, dentista, jogador de bola, professor, noivo ou noiva), nos enfeites de açúcar e nos doces, modelada como caveira ou esqueleto e nas “calaveras” – cartões e imagens de caveiras coloridas com dizeres engraçados trocados entre os amigos. Todos têm um esqueleto, todos vão acabar no cemitério, portanto, é melhor se acostumar desde criança com esta realidade.

As datas dos festivais dos mortos também diferiam de uma cultura para outra. No Egito, a baixa do Rio Nilo, em novembro, marcava o início de “Isia”, a celebração de seis dias que lembrava a morte do deus Osíris. Procissões, drama sagrado, cânticos e danças reencenavam a sua morte e ressurreição, bem como a celebração do retorno das almas para visitar seus familiares. Lamparinas iluminavam suas antigas moradias e os caminhos para orientá-las, os templos e as casas eram enfeitados com flores e oferendas de comidas e bebidas. Do Egito, este costume se espalhou pela Europa e foi preservado e adaptado pelos povos celtas. Por serem povos pastoris, os celtas dividiam o ano em duas estações – o verão, quando o gado era levado para os pastos, e o inverno, quando era trazido de volta. “Samhain” (pronunciado “souen”) era o festival celta dos mortos celebrado no dia 31 de outubro, considerado o primeiro dia de inverno e o início do Novo Ano. Neste dia, os véus entre os mundos se tornavam mais tênues, as almas transitavam mais facilmente de um lado para outro. Além dos familiares mortos, outros seres se manifestavam nesta noite – fadas escuras, elfos,

tegerem deles, os celtas usavam máscaras de animais e acendiam fogueiras nas colinas para guiarem os espíritos dos seus ancestrais de volta para suas antigas casas, enfeitadas com lamparinas de abóbora ou nabo colocadas nas janelas e nas portas. Durante séculos, o cristianismo tentou, em vão, suprimir os festejos de três dias do Sabbat Samhain. Por não conseguir, apelou para o sincretismo religioso, criando o Dia de Todos os Santos e o Dia de Finados, sobrepondo a data cristã ao antigo festival pagão. Os milhões de emigrantes europeus (principalmente irlandeses que estavam sem meios de sobrevivência após a grande fome de 1846) levaram para sua nova pátria – os EUA – seus costumes e práticas ancestrais. Surgiu, assim, a festa profana de Halloween, pela metamorfose dos significados antigos (máscaras, fantasmas, lanternas, comidas), disfarçados em apresentações caricaturais (bruxas, chapéus pontudos, perucas coloridas, vassouras, lanternas de abóboras, caça aos doces – este costume sendo uma reminiscência do hábito antigo de dar esmolas aos pobres e comida para as almas). O comércio e Hollywood contribuíram, em muito, para tornar o antigo festival Samhain em festa folclórica, infantil ou em um simples baile de máscaras. Mesmo assim, alguns povos ainda preservam de forma autêntica as tradições dos seus ancestrais. Os nativos norte-americanos celebram até hoje, na primeira lua cheia após o solstício de inverno, o retorno dos Kachinas – os espíritos dos seus antepassados, com o Festival Soyal, que inclui danças com máscaras, fogueiras e oferendas.

No Japão, o Festival Obon é celebrado durante 18 dias, requerendo uma esmerada preparação prévia dos templos, jardins, casas para a recepção dos “shugoray” – os espíritos dos ancestrais. As famílias se reúnem e invocam os espíritos com danças circulares que induzem a um estado de transe, facilitando percepções paranormais e manifestações de ectoplasma e telecinésia. Antes de Obon, os familiares vão em peregrinação para os cemitérios, limpam a área, plantam flores e deixam

encorajados para voltar para a “Terra dos Mortos” e enormes fogueiras são acesas para lhes iluminar o retorno. Deste amálgama de informações e costumes, cada pessoa pode criar uma homenagem pessoal para seus antepassados, seja criando um pequeno altar na sua casa (colocando fotos, objetos, lembranças no canto especificado pela sabedoria Feng Shui), seja preparando um pequeno altar externo (como na Tailândia), usando uma miniatura de casa (como uma gaiola de pássaros), pintada com símbolos que propiciem o renascimento para “receptionar” os visitantes do Além. Uma alternativa é seguir o costume vigente, levando flores para seus túmulos, encomendar um culto ou visualizá-los envoltos pela Luz Maior. O importante é reconhecer o seu legado, reverenciar a linhagem ancestral, preservar as tradições antigas e honrar sua sabedoria lembrando a frase de Kahlil Gibran: “Todos os que viveram no passado vivem em nós agora. Que possamos honrá-los como hóspedes valiosos”.





Templo das Musas

Tabu

Por Amandara Yin

Olha que horror!!!

O fluído universal

Que desce pelas tuas pernas.

É sangue impuro, imundo

Emoções oprimidas a fundo...

O segredo escancarado

O teu útero, tua secreção

Que dá vida a esse mundo

É um estigma de vergonha

Preferem o conto da cegonha

Para remontar a história do Ser

Humano? Não sei...

Ensanguentada em minha dor

O vermelho, o meu corpo, minha cor

É a escuridão do teu pudor.

Não nasci da costela de Adão

Sou da linhagem de Lilith

Metade? Não!

Inteira em mim.

Completa, assim.

Não sou ninho de pecados

Apenas guardo o portal da vida,

A jornada existencial minha e sua

Sou filha, irmã da lua

A serpente encantada que faz morada

No centro do meu Ser, em meu coração;

Por isso, podes até me condenar,

Mas sentada na terra a honrar

De cabeça erguida

Eu continuo na terra a sangrar.



Próximos Rituais



Celebração de Samhain

Dia 31 de outubro

(terça-feira) às 20h

.. Somente para Mulheres ..



Plenilúnio: Celebração de Te Thea e Tephí

Dia 04 de novembro

(Sábado) às 20h

.. Somente para Mulheres ..



Plenilúnio: Celebração da Deusa Iansã

Dia 03 de dezembro (domingo)

às 20h

.. Somente para Mulheres ..

Os rituais acontecem na Unipaz - Brasília/DF

Não indicado para crianças

Usar agasalhos, local ao ar livre e frio.

Energia de troca R\$ 20,00

Informações: +55 61 98233-7949

Pedimos a gentileza de não fotografar, filmar, gravar ou realizar qualquer outra forma de registro antes, durante ou após os rituais, sem autorização da Teia de Thea.

Expediente Jornal Deusa Viva

Edição:

Shirley de Medeiros

Diagramação:

Cláudia Baumgaertner

Textos:

Mirella Faur, Shirley de Medeiros e Amandara Yin

Imagens:

Rede mundial de computadores

Informações: www.teiadethea.org

Contatos: Telefone (61) 98233-7949

E-mail: teiadethea@teiadethea.org

Envie suas sugestões, críticas

ou elogios para:

deusaviva@teiadethea.org